

PEDAGOGIA BILÍNGUE: FORMAÇÃO, DOCÊNCIA E EDUCAÇÃO DE SURDOS

BILINGUAL PEDAGOGY: TRAINING, TEACHING AND DEAF EDUCATION

Leila Couto Mattos⁷

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado⁸

Resumo

O Curso de Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos é pioneiro e inovador na formação de pedagogos bilíngues. Este estudo discute questões referentes aos projetos pedagógicos dos anos de 2006 e 2013 no que diz respeito aos aspectos bilíngues do processo formativo, à docência e às práticas pedagógicas. Buscou-se problematizar a dicotomia entre a língua brasileira de sinais e a língua portuguesa na relação direta com a construção de conhecimento e formação docente. Os resultados apontam para um processo de formação bilíngue que, por si só, vai abrindo novas possibilidades e caminhos para a formação de pedagogos bilíngues uma vez que as especificidades linguísticas próprias à educação de surdos, antes de serem obstáculos, promovem potência, criatividade e geram diálogo entre as diferentes línguas e suas modalidades.

Palavras-chaves: Pedagogia. Bilinguismo. Surdos. Formação docente.

Abstract

The Pedagogy Course of the National Institute of Deaf Education is a pioneer and innovator in the training of bilingual educators. This study discusses issues related to CBP's pedagogical projects, the bilingual aspects of the training process, teaching and pedagogical practices. We sought to problematize the dichotomy between Brazilian sign language and Portuguese language in the direct relationship with the construction of knowledge and teacher training. Results point to a bilingual training process that, by itself, opens up new possibilities and paths for the training of bilingual educators where the linguistic specificities inherent to deafness, before being obstacles, have been promoted creativity and generate dialogue between different languages and modalities.

Key words: Pedagogy. Bilingualism. Deaf people. Teacher training.

Introdução

Como centro de referência nacional e órgão do Ministério da Educação, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) vem, desde 1856, no Rio de Janeiro, atuando na

⁷Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pedagoga. Fonoaudióloga. Especialista em Surdez e em Psicopedagogia. Telefone: 27 98826-3252. E-mail: nucleolila@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9404-0967>

⁸ Doutora (2012) e Mestre (2007) em Educação pelo Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE- UFES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7385-6243>

educação de alunos surdos, desenvolvendo pesquisas na área da surdez e formando profissionais dentre outras atribuições e, desde 2006, em seu Departamento de Ensino Superior – DESU/INES oferece o Curso de Pedagogia para alunos surdos e ouvintes

Pelo seu caráter pioneiro e inovador, o curso vem passando por necessárias modificações, buscando adequar seus propósitos educacionais à formação de seus egressos bilíngues que deverão atuar em ambientes educacionais (inclusivos)⁹ do ensino comum. Entendemos que estudos e pesquisas em relação ao referido curso são de extrema importância para a construção de novos olhares e entendimentos sobre proposta tão inovadora e necessária neste momento de reconhecimento, respeito e acolhimento às diferenças.

A partir da transformação do curso normal superior do INES em um Curso de Pedagogia presencial, na perspectiva bilíngue no ano de 2006, um projeto pedagógico é então construído e efetivado entrando em vigor (BRASIL, 2006). Entretanto, em 2013, um outro projeto foi elaborado pela equipe de professores para dar início ao ano letivo de 2014 (BRASIL, 2013), inicialmente, no primeiro período, estendendo-se aos outros períodos em um processo de transição gradual. Os períodos subjacentes foram migrando gradualmente. Pretendeu-se com esse novo projeto pedagógico construir, pouco a pouco, uma integração entre a modalidade presencial e o ensino a distância do curso de pedagogia.

Este estudo, busca discutir questões referentes aos projetos pedagógicos (2006 e 2013), do Curso de Pedagogia do INES, como também, aquelas referentes aos aspectos bilíngues do processo formativo, da docência e das práticas pedagógicas, do corpo discente e docente, compostos por alunos e professores surdos e ouvintes. Como metodologia de pesquisa, este estudo insere-se em um contexto de estudo de caso com aplicação de questionários aos alunos e professores e análise de documentos.

⁹ Não nos parece mais possível pensar em ambientes educacionais que não considerem os diferentes modos de ser e estar no mundo e, portanto, não haveria necessidade da adjetivação *inclusivos* para definir ou indicar ambientes educacionais. Ambientes educacionais por si só são ambientes inclusivos, ou pelo menos, deveriam ser.

Algumas especificidades do Curso de Pedagogia de acordo com o projeto pedagógico em curso

O ingresso no Curso de Pedagogia, modalidade presencial, se dá por vestibular por meio do qual são oferecidas 50% das vagas, para surdos e 50% para ouvintes. Os candidatos devem apresentar obrigatoriamente fluência na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na Língua Portuguesa escrita (LPE). Durante todo o Curso, a presença de intérpretes de Libras/Língua Portuguesa (LP) é disponibilizada. O Colégio de Aplicação do INES é aberto ao Curso de Pedagogia como campo de pesquisas, estudos e estágios curriculares, ao mesmo tempo que está aberto a parcerias com outras instituições de ensino interessadas na formação de professores bilíngues para atuar na área da educação de surdos em ambientes educacionais regulares.

Em relação aos aspectos linguísticos subjacentes à própria educação de surdos e aos processos comunicativos em geral, o curso considera a Libras como a língua de instrução, enquanto que a LP é disciplina obrigatória, porém, apenas em sua modalidade escrita. Os aspectos avaliativos garantem flexibilidade na correção de provas e dos trabalhos redigidos pelos alunos surdos, considerando o aspecto semântico e a singularidade linguística naturalmente manifesta no nível formal de sua escrita. As provas, quando aplicadas, poderão ser tanto em LPE, com tradução ou em Libras, também com tradução, quando necessário, e são obrigatoriamente registradas em vídeo.

Projetos Pedagógicos 2006 e 2013

Dentre os objetivos apresentados em ambos os projetos, selecionamos aqui, com vistas às discussões deste estudo, aqueles que consideramos os mais desafiadores por dependerem sobremaneira de uma competência e um domínio linguístico para serem alcançados, em especial, no que diz respeito aos alunos surdos. Em cada um dos objetivos, selecionamos partes de seus enunciados que nos chamaram a atenção, não por uma impossibilidade de efetivação, mas, por nos colocar a pensar sobre quais caminhos tomar, que direções traçar para que tais objetivos possam ser alcançados para além de todos os

impasses linguísticos que ainda hoje enfrentamos diariamente na educação de alunos surdos.

Tomamos aqui a liberdade de compartilhá-los com nosso leitor sublinhando alguns deles e perguntando assim como Masschelein e Simons (2014) nos perguntam “Como estar presente no/para o presente, como ver o presente outra vez (*com olhos outros que não os já vistos* - grifo meu), como lidar com ele, o que pensar sobre ele, como se relacionar com ele e continuar?” Para os autores, essas perguntas nos aterram, nos fincam na situação presente e, de certa forma, nos permitem “[...] ganhar uma certa garantia no confronto com questões específicas” (*ibid*, p. 15-16), o que afinal é um dos nossos propósitos neste estudo, a busca de tentar esclarecer algumas questões que nos são valiosas, ao invés de seguirmos tentando conceituá-las ou apresentar soluções definitivas em relação a elas.

A seleção feita respeitou o critério da compreensão dos conteúdos, da troca de informações que permeiam o meio processual, da participação autônoma e independente entre todos os discentes, considerando a possibilidade da existência de um percentual de alunos e professores sem fluência na Libras e na LPE

Os seguintes objetivos do CBP foram então selecionados:

1. O compromisso com uma qualificada formação bilíngue (LIBRAS/LP) para pedagogos surdos e não surdos, de forma a torná-los agentes brasileiros multiplicadores.
2. Formar pedagogos competentes e comprometidos com posicionamentos éticos, que englobem pensamento crítico, reflexivo e criativo, por meio da construção de conhecimentos teóricos, técnicos e práticos, cujas correspondentes ações sirvam como marca de excelência e referência no país.
3. Disponibilizar para os licenciandos conhecimentos que lhes permitam serem efetivos participantes na construção e no desenvolvimento de projetos pedagógicos, para os quais sejam tomados como parâmetros o trabalho coletivo, a interdisciplinaridade, a autonomia, a cooperação e a solidariedade.

Os eixos norteadores do Curso de Pedagogia são definidos a cada semestre e incorporados em Núcleos de Estudos que constavam das diretrizes nacionais para os cursos

de Pedagogia que estavam vigentes à época de organização do curso; São eles: “Núcleo de Estudos Básicos; o Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos; e o Núcleo de Estudos Integradores” (BRASIL, 2013, p. 20). Importante ressaltar que disciplinas acerca da educação de surdos, da comunidade surda e da Libras estão incluídas nos núcleos de estudos. Entretanto, como dito anteriormente, a LP, embora esteja contemplada como disciplina, será trabalhada apenas em sua modalidade escrita e como matéria obrigatória, distribuída em quatro semestres.

No projeto pedagógico de 2006, a LP escrita além de ter sido disciplina obrigatória em todos os períodos, com 120h de carga horária semestral, teve a Libras como suporte em seu processo de aprendizagem, além do critério da leitura obrigatória de 2 livros por cada semestre. Nesse projeto, a Libras não era oferecida como disciplina curricular, somente a LPE. Entretanto, a partir do projeto pedagógico de 2013, a Libras passou a ser disciplina obrigatória nos quatro períodos iniciais e no sexto, perfazendo uma carga horária total de 300h, assim como a disciplina LPE, que também em 2013, passa a ser ofertada do primeiro ao quarto período, como disciplina obrigatória, perfazendo uma carga horária total de 240h.

O Curso de Pedagogia, como um curso bilíngue de pedagogia para alunos surdos e ouvintes com foco na educação dos surdos, considera de extrema importância a construção de saberes pedagógicos acerca da escolarização de surdos, bem como o conhecimento da Libras. A organização curricular deixa clara a integração entre os conhecimentos necessários à formação do pedagogo, bem como aqueles mais específicos relacionados aos aspectos linguísticos envolvidos na educação de pessoas surdas.

[...] a composição do currículo se faz a partir de uma sequência estruturada dentro de uma lógica em que predominam, nos períodos iniciais do curso, atividades formadoras reconhecidas como de fundamentos epistemológicos, a partir da metade do curso, ocorrerá a ênfase nas atividades formadoras de profissionalização e ao longo de toda a formação teremos atividades formadoras específicas para o foco bilíngue do curso, sendo umas dedicadas aos estudos da surdez, dos indivíduos surdos e da escolarização de surdos e outras específicas para aquisição de língua (LIBRAS e português (BRASIL, 2013, p. 18-19).

Em relação aos ajustes e às modificações realizadas nos projetos pedagógicos de 2006 e 2013, todas ocorreram por demanda do próprio desenvolvimento do curso e daquelas que foram surgindo no caminho. São as experiências que dão sentido à vida fora e

dentro da escola e, em especial, nesse curso é preciso que “[...] os professores e alunos encontrem [...] maneiras de evitar que um único discurso se transforme em local de certeza e aprovação” (GIROUX; SIMON, 2013, p. 121), e permitir que o fluxo das transformações siga adiante, construindo e desconstruindo, a favor de processos de subjetivação reais, humanos e diversos.

Apresentação dos dados coletados pela aplicação de questionários

A coleta de dados se deu pela aplicação de questionários por considerarmos algumas vantagens da aplicação dessa técnica que, segundo Moreira e Caleffe (2008), poderiam ser sublinhadas como “[...] o uso eficiente do tempo, a possibilidade de uma alta taxa de retorno, o anonimato para o respondente e o uso de perguntas padronizadas” (*ibid*, p. 96-98). Uma vez que contamos com a presença do intérprete e tradutor de língua de sinais e Língua Portuguesa – TILSP, em função das especificidades linguísticas inerentes à educação de surdos, consideramos o questionário o recurso adequado ao nosso objetivo de coleta de dados.

Foram aplicados questionários ao Coordenador do curso, aos professores e aos alunos de todos os períodos do curso, durante os horários regulares, de aula. Para os professores e coordenador, os questionários foram colocados em seus escaninhos e comunicados aos mesmos pela própria coordenação do curso, embora os mesmos estivessem presentes em alguns períodos e turmas durante a aplicação dos questionários.

Os questionários aplicados foram estruturados, principalmente, por questões fechadas, o que contribuiu, sobremaneira, para uma análise mais padronizada das respostas obtidas. Houve uma especial atenção com a linguagem utilizada nas perguntas, considerando os alunos surdos e a necessidade da presença dos TILSP, o que nos levou ao uso de perguntas em escala, para tópicos mais específicos. As perguntas foram agrupadas por temas na tentativa de contribuir para uma melhor compreensão dos alunos, como também favorecer a interpretação e, posteriormente, a análise e organização dos dados.

A pesquisa foi encaminhada por meio da Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética e Pesquisa, CEP/UFES, que, com base na Resolução 466/2012 CNS, que realizou a análise dos

documentos de apresentação obrigatória ao desenvolvimento da pesquisa e aprovou o projeto em curso, autorizando que fosse iniciado já no final do segundo semestre letivo em 2016.

Coordenação Pedagógica e Professores do Curso de Pedagogia

Neste período, o Curso de Pedagogia contava com aproximadamente quarenta professores, dos quais apenas seis eram surdos. Desse total, somente dez responderam ao questionário, sendo que nenhum professor surdo respondeu, apesar da ampla divulgação dos questionários no departamento e de ter sido oferecido amplo acesso aos mesmos.

Tanto o Coordenador pedagógico, quanto os professores que responderam ao questionário, já tinha tido experiência docente na área da surdez, antes de ingressarem no Curso, com exceção de quatro professores.

Durante a aplicação dos questionários, ficou claro o acúmulo de afazeres e a falta de tempo dos professores para que pudessem se ocupar com o preenchimento dos questionários, mesmo considerando que os questionários foram colocados em seus escaninhos pessoais e que todos eles foram comunicados pela coordenação sobre a pesquisa em curso.

Quanto à formação acadêmica, todos os docentes, incluindo o coordenador de curso, são doutores, sendo que dois têm pós-doutorado. Em relação à Libras, dois professores já chegaram ao CBP com fluência, três não completaram sua formação e cinco têm formação completa, sendo que um professor se formou pela FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e os outros pelo próprio INES. Quando perguntados sobre a fluência em Libras, três se consideraram fluentes, enquanto sete mais ou menos fluentes. Alguns deles relatam dificuldades na comunicação com alunos e professores surdos, em alguns momentos, percebendo que o mesmo acontece em relação aos alunos também.

Outro dado importante é que, segundo o coordenador, todos os professores surdos do curso são bilíngues, isto é, são fluentes em Libras e em LPE. Em relação aos colegas professores ouvintes bilíngues que poderiam dar aula em Libras, sem a presença de

intérpretes, a média ficou em torno de três professores. E, para quatro professores, não há nenhum colega capaz de dar aula sem intérprete.

Para o coordenador e para os professores que participaram da pesquisa, a presença dos intérpretes na sala de aula não garante a compreensão dos alunos que, muitas vezes, têm apenas uma compreensão parcial da aula. Para eles, nem sempre e não necessariamente, a compreensão está garantida com a presença do intérprete.

As avaliações, os trabalhos e as provas nas aulas são realizadas em Libras ou/e em LPE. Fica a critério dos professores a escolha, de acordo com as condições dos seus alunos. Entretanto, dois professores sempre realizam suas avaliações apenas em Libras e quatro sempre em LPE. O professor de LP escrita realiza suas avaliações, trabalhos e provas somente em língua portuguesa escrita.

Na docência, segundo o coordenador, as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, em alguns momentos, são bilíngues e, quase sempre, envolvem atividades bilíngues. Para a grande parte dos professores, as práticas docentes do Curso de Pedagogia são bilíngues e encontram-se em constante construção e aprimoramento. Segundo três professores, elas nem sempre atendem às necessidades dos alunos surdos, com o que concorda o coordenador.

A fluência em Libras e na LPE é de fato o grande desafio desse curso, para os alunos e até mesmo para alguns professores. Menos da metade dos alunos, surdos e ouvintes, é bilíngue, isso é, é fluente em ambas as línguas, segundo o coordenador e a maior parte dos professores. Os dados coletados revelaram que há mais alunos ouvintes fluentes em Libras do que alunos surdos e menos de um quarto dos alunos surdos têm fluência na LPE. Entretanto, esse fato parece não impedir que os alunos surdos realizem leitura de livros, textos e pesquisas na internet tendo como referência a LPE, uma vez que recorrem a ajuda de parentes, amigos e colegas ouvintes.

De acordo com o coordenador e com a maioria dos professores, a grade curricular do curso atende tanto às especificidades curriculares dos cursos de formação de professores em geral, quanto aquelas específicas à formação de professores surdos a partir do novo currículo (BRASIL, 2013). Para o corpo docente, é realmente importante que essas especificidades relativas ao bilinguismo e à educação de surdos, na formação de pedagogos

surdos, sejam consideradas não só pelas questões linguísticas específicas a esse grupo minoritário, mas, também, pelo tempo em que os surdos ficaram sem exposição à uma língua que permitisse o acesso, à comunicação e ao conhecimento.

Na comunicação com os alunos surdos, a maioria dos professores que responderam ao questionário disse sentir, às vezes, alguma dificuldade. Na comunicação com seus colegas professores surdos, quatro professores ouvintes disseram não ter dificuldade na comunicação, três relataram ter alguma dificuldade, às vezes, enquanto outros três disseram ter dificuldade.

Cinco professores ouvintes disseram que seus alunos surdos não têm dificuldade alguma em se comunicar com eles. Porém, três professores relataram perceber que, algumas vezes, alguns de seus alunos surdos demonstram ter dificuldade em se comunicar com eles e dois professores afirmam que há alunos surdos que têm dificuldade na comunicação.

Em relação a fluência em Libras pelos alunos surdos, a maioria dos professores considerou que menos da metade é fluente, enquanto apenas três professores consideraram que mais da metade dos alunos surdos é fluente em Libras. No que diz respeito à fluência em Libras pelos alunos ouvintes, a maioria dos professores considerou que menos da metade desses alunos tem fluência, enquanto somente dois professores consideraram mais da metade desses alunos ouvintes com fluência.

Para a maioria dos professores, menos da metade dos alunos surdos têm fluência em LPE e quatro professores disseram que menos de 25% poderiam ser considerados fluentes em LPE.

Para alguns professores, existe nesse curso algumas especificidades que precisam ser consideradas; São elas: a importância da formação continuada de professores em um curso como esse é vital; é preciso investigar as diversas realidades escolares e como essas realidades demandam um profissional bilíngue; existem apenas quatro professores surdos que são formados no Curso de Letras/Libras e têm Pós *Lato Sensu*; é um curso que vem se constituindo na prática nos desafios linguísticos buscando avançar em uma política linguística em paralelo às práticas pedagógicas.

Alunos Surdos e Alunos Ouvintes do CBP

Quando foi realizada a coleta de dados, em 2016, o número de alunos era 162, distribuídos entre o turno da tarde e da noite, dos quais 41 eram surdos e 121 ouvintes. Nesta pesquisa, obtivemos um retorno de 123 questionários de alunos, sendo 37 de alunos surdos e 86 ouvintes, distribuídos no 1º, 3º, 5º e 7º períodos, no turno da tarde e da noite. Diferentemente dos professores, em relação aos alunos, tivemos um excelente nível de retorno dos questionários.

Os alunos surdos, em sua grande maioria, disseram não ter dificuldade em se comunicar, nem com seus colegas surdos, nem tampouco, com seus colegas ouvintes. O número de alunos surdos que disse ter dificuldade em se comunicar com seus colegas, ou ainda dificuldade em se comunicar, às vezes, com seus colegas surdos e ouvintes, ficou equiparado.

O número de alunos ouvintes que disse não ter dificuldade em se comunicar com seus colegas surdos foi o mesmo daqueles que disseram ter, às vezes, dificuldade em se comunicar. Os alunos ouvintes disseram não ter dificuldade em se comunicar com seus colegas ouvintes em sua grande maioria, mas alguns poucos pontuaram que, às vezes, têm dificuldade em se comunicar com seus pares ouvintes, o que nos chamou a atenção.

A maioria dos alunos surdos disse não ter dificuldade em se comunicar com seus professores surdos e, aproximadamente, esse mesmo quantitativo disse ter, às vezes, dificuldade em se comunicar com seus professores ouvintes.

Mais da metade dos alunos ouvintes afirmou não ter dificuldade em se comunicar com seus professores surdos, mas a terça parte desses alunos, disse ter dificuldade, às vezes. Entretanto, alguns alunos ouvintes disseram ter, às vezes, dificuldade em se comunicar com os professores ouvintes.

A maioria dos alunos surdos disse que não tem professores surdos que sentem dificuldade em se comunicar com eles, mas, alguns desses alunos, disseram que também não tem professores ouvintes que tenham dificuldade em se comunicar com eles, embora, alguns outros tenham dito que têm professores ouvintes que às vezes, têm dificuldade.

Em relação à língua, a grande maioria dos alunos surdos se considerou fluente em Libras e menos de 25% desses alunos em LPE. Em torno de 50% se consideraram mais ou menos fluentes em LPE. Desses alunos surdos, dez alunos se consideraram mais ou menos fluentes em Língua Portuguesa Oral e seis se consideraram fluentes. Quanto aos alunos ouvintes, apenas a quarta parte se considerou fluente em Libras, enquanto mais da metade, mais ou menos fluente. Em relação à língua portuguesa escrita, a grande maioria se considerou fluente, embora em torno de 25%, apenas mais ou menos fluentes.

Os alunos ouvintes e os alunos surdos concordaram em ter, em média, quatro professores bilíngues – Libras/LPE. Entretanto, alguns poucos alunos ouvintes e, aproximadamente, a metade dos alunos surdos disseram não ter nenhum professor bilíngue. Ambos disseram ter, em média, três professores ouvintes bilíngues que poderiam dar aula sem a presença do intérprete.

A grande maioria dos alunos surdos considerou que a presença do intérprete na sala de aula garante a compreensão das aulas. Em relação à leitura de livros e textos que os professores recomendam, 20 alunos surdos disseram que cumprem as tarefas sozinhos, enquanto 16 disseram contar com a ajuda de ouvintes e intérpretes. Essa mesma proporção apareceu no que diz respeito às pesquisas na internet sobre temas, discussões e trabalhos solicitados pelos professores.

Segundo a grande maioria dos alunos ouvintes, nem sempre as avaliações, trabalhos e provas eram realizadas em Libras ou em LPE. Em torno de 25% desses alunos pontuou que as avaliações, trabalhos e provas eram sempre realizadas em LPE. Quanto aos alunos surdos, 50% disseram que sempre as avaliações, trabalhos e provas eram realizadas em Libras e 50% disseram que sempre eram realizadas em LPE. Menos da metade desses alunos relatou que nem sempre as avaliações, trabalhos e provas eram realizadas em Libras, como também nem sempre em LPE.

Discussão

Como ressaltamos anteriormente, o Curso de Pedagogia carrega em si, sem dúvida alguma, um aspecto inovador e pioneiro em relação ao ensino superior para alunos surdos, o

que o torna, para nós educadores, um grande desafio. Entendemos que a construção de ambientes bilíngues, para a educação de surdos, são ambientes que favorecem sobremaneira o desenvolvimento dos alunos e, conseqüentemente, abrirão novos caminhos para o acesso à formação superior e profissional. Entretanto, é preciso cautela. Nesta pesquisa, não transitamos pelo já conhecido, pelo certo ou pelo errado, pelo melhor ou pelo pior, ao contrário, tomamos como referência uma forma de pensamento crítico que nos conduz ao desafiante trabalho dos questionamentos, das buscas e de olhares outros, a partir da nossa própria experiência como sujeitos da ação, como possibilitadores atentos de ações do nosso tempo, na tentativa de criar as condições para pensar o que precisa ser pensado.

Assim, seguindo sobre a análise dos projetos pedagógicos do curso, percebemos o quanto eles estavam comprometidos com as especificidades linguísticas dos sujeitos surdos e, conseqüentemente, em construir uma proposta bilíngue de formação de professores surdos e ouvintes, de modo a atender essas especificidades. Por se tratar de um curso pioneiro, ele se caracteriza principalmente como processo contínuo, estando em constantes transformações e adequações no que diz respeito a um ambiente pedagógico acadêmico bilíngue para surdos e ouvintes. É, portanto, uma proposta que,

Faz-se indispensável uma educação baseada na visão de que a liberdade humana envolve a compreensão da necessidade e a transformação dessa necessidade. Precisamos de uma pedagogia cujos padrões e objetivos a serem alcançados sejam determinados em conformidade com metas de visão crítica e de ampliação das capacidades humanas e possibilidades sociais (GIROUX e SIMON, 2013, p. 113).

Essa é a nossa responsabilidade. Já o desafio aponta para uma trajetória marcada pelo comprometimento e pela disposição de todos os envolvidos em marcar a virada do nosso século pela aproximação das diferenças e pelo encontro entre professores e alunos em um ambiente ousado e, ao mesmo tempo, promissor na construção de novas possibilidades e novos caminhos de formação pedagógica superior. Então, perguntamos: o que importa, de fato, nessa formação? O que pedagogicamente precisa ser desconstruído para em seguida ser reconstruído? Quais as reais possibilidades desse processo formativo? Quais as especificidades? O que há de novo ou não há nada além do que a história da educação de

surdos vem nos dizendo há séculos? Seguimos por processos dicotomizados ou nos arriscamos por novas possibilidades?

Enfim, muitas questões que a partir dessa pesquisa buscamos responder na busca de pistas, de especificidades e de experiências que nos permitam seguir adiante na construção de uma proposta educacional bilíngue em consonância com o projeto pedagógico do Curso de Pedagogia, que inclui em seus objetivos, expressões da mais pura coragem e determinação pedagógicas, quais sejam: uma qualificada formação bilíngue; formação de agentes brasileiros multiplicadores; posicionamentos éticos; pensamento crítico, reflexivo e criativo; conhecimentos teóricos, técnicos e práticos; construção e desenvolvimento de projetos pedagógicos; trabalho coletivo, interdisciplinaridade, autonomia, cooperação e solidariedade.

A partir da análise documental de ambos os projetos pedagógicos e dos depoimentos do coordenador e dos professores do curso, percebemos algumas significativas modificações entre o projeto de 2006, quando o curso começou, e o projeto de 2013. Foram incluídas em 2013: a disciplina Educação Bilíngue do Surdo com aumento de carga horária e, a disciplina LPE que passou a ser ministrada em turmas separadas para alunos surdos e ouvintes. O estágio em escolas de surdos passou a ser obrigatório e as atividades de pesquisa também foram incluídas no projeto pedagógico 2013, do curso.

Essas alterações são fruto das experiências do dia a dia, das interações cotidianas entre todos os envolvidos no curso, marcando, mais uma vez, o caráter de processo do Curso de Pedagogia presencial, em uma perspectiva bilíngue.

Para o coordenador e professores, a grade curricular do Curso, a partir de 2013, atende tanto às especificidades curriculares dos cursos de formação de professores em geral, quanto àquelas mais diretamente relacionadas à formação de professores surdos. É senso comum entre os docentes que falta avançar em uma política linguística em paralelo às práticas pedagógicas e, enquanto se trabalha nesse sentido, o curso vai se constituindo na prática dos desafios linguísticos. Em relação ao projeto pedagógico, pelo menos teoricamente, as cartas parecem dadas. Os objetivos são claros e as modificações do projeto em 2013, de fato, priorizaram questões fundamentais para a formação dos pedagogos e de suas competências qualificadas em seus objetivos. Entretanto, a partir das informações

coletadas pelos questionários chegamos à questão central do Curso de Pedagogia, qual seja, a comunicação bilíngue na relação com a educação de surdos.

Como promover um ambiente de fato comunicativo se as pessoas envolvidas no processo não dominam as línguas em questão? Já sabemos que não temos respostas. Aliás, esse nos parece o grande mérito desse curso, assumir o que não se sabe, mas se precisa saber. Portanto, quando decidimos pela aplicação de questionários para coleta de dados, optamos por uma abordagem que nos direcionaria para o que os dados coletados poderiam quantificar e não, propriamente, o quanto eles quantificaram, o que nos colocaria diante de uma possibilidade de

[...] estabelecer um ethos atento e experimental: a arte de tornar algo capaz de aparecer e se transformar em alguma “coisa” (algo que nos preocupa, e que começa a significar ou exprimir) (grifo e parênteses do autor), que não apareceria sem esse trabalho (MASSCHELEIN e SIMONS, 2014, p. 23).

É então a partir do que não se sabe, que se busca saber. No decorrer da pesquisa, ficou claro que o Curso tem características formativas de processo que permite que ele vá se reestruturando continuamente. Por si próprio, promove um ambiente que se caracteriza pela criatividade, inovação e flexibilidade em relação às práticas e ações pedagógicas. Os recursos pedagógicos são manejados livremente com a participação de todos. Há trocas de experiências horizontalizadas, o que gera oportunidades únicas para reflexões, aprendizagens, intercâmbios linguísticos e troca de afetos permitindo que as diferenças se complementem. É de fato um ambiente inusitado! Um ambiente no qual convivem duas línguas, onde ambas têm sua importância reconhecida no ambiente pedagógico, docente e discente, para alunos e professores, surdos e ouvintes.

O ambiente bilíngue, do ponto de vista da determinação do projeto pedagógico, estava garantido e isso pode ser notado pelo fato, por exemplo, das avaliações, trabalhos e provas serem realizadas tanto em LP e/ou em Libras, dependendo de cada caso, individualmente, ficando a decisão a critério dos professores e alunos envolvidos. Os alunos surdos tinham liberdade para contar ou não com o apoio de pessoas ouvintes, como intérpretes, amigos ou familiares, na execução de tarefas extras escolares. As disciplinas de Libras e de LPE eram obrigatórias, assim como os estágios em escolas que tivessem alunos

surdos em suas classes. Entretanto, ainda assim, um ambiente que de fato possa ser considerado bilíngue no que diz respeito ao ensino superior para alunos surdos ainda é, nos tempos atuais, um grande desafio.

Devemos ressaltar um outro ponto. A grande maioria do corpo docente do Curso de Pedagogia considerou que a atuação dos intérpretes em sala de aula não garante a compreensão dos alunos. Ora, o ambiente do referido curso está posto a partir do reconhecimento da língua de sinais, da língua portuguesa escrita, do tradutor e TILPS, mas também é perpassado, todo o tempo, pela língua portuguesa oral, a partir do momento, que circulam professores, alunos, funcionários, visitas e tantos outros que são usuários naturais da língua portuguesa oral. Esse cenário coloca por terra a polêmica que há tantos séculos veio sendo posto na educação de surdos em relação à oralidade e/ou a língua de sinais. Todas as modalidades linguísticas e recursos específicos à educação de surdos são necessários e, ao mesmo tempo, não suficientes porque, de fato, é uma questão de construção e de tempo. É uma mudança de paradigma e não de escolhas profissionais e/ou pessoais. É muito maior...

O que queremos chamar atenção pelo viés dessa pesquisa realizada em um curso que se pretende bilíngue é que uma língua não é algo que exclui, pelo contrário, ela acrescenta. Acrescenta novas possibilidades, pois apresenta novos mundos, novas formas de ser e de estar presentes na diferença. É preciso reconhecer a importância, o direito e a conquista das línguas de sinais na educação dos surdos que veio com a virada dos séculos, mas isso não significa desjuizar ou (des)estatuir outras possíveis formas de comunicação para os surdos. No caso do Brasil, a LP, tanto escrita quanto oral, são, em diferentes situações mais, ou menos, importantes possibilidades de conexão com o país, com o público e com os diferentes tempos e espaços.

Estamos em tempo de diferenças, multiplicidades e sempre possibilidades outras, que não mais de exclusão. As famílias de bebês surdos, quando devidamente orientadas, poderão fazer a escolha tanto da Libras, quanto da língua portuguesa, em ambas as suas modalidades, porém, a escolha poderá ser apenas a Libras ou ainda, poderá também ser somente a língua portuguesa oral e, conseqüentemente, a escrita. São todas possibilidades. As pessoas são livres para fazerem suas escolhas. Não podemos mais nos render ao pastoreio

ou às políticas públicas para uma educação de massa. Se seguirmos tomados, imbuídos, pelo passado, por suas políticas de exclusão, não perceberemos a lacuna existente entre o passado e o futuro, como nos falam Masschelein e Simons, pela obra de Hannah Arendt:

A lacuna só existe quando o indivíduo é ele mesmo ali, atento ao presente, cuidando dele, preocupando-se com ele (o que não é o mesmo que conhecê-lo – grifo do autor), [...] Neste sentido, o exercício do pensamento não é um salto para fora desse presente, mas, pelo contrário, *permanece ligado ao presente e está enraizado nele* (grifo do autor) (2014, p. 12-13, grifos do autor).

E é nessa lacuna, do presente, que os surdos começam a chegar às universidades públicas e privadas. Cursam graduação, mestrado, doutorado e prestam concurso público para a docência e para tal contam com o apoio dos intérpretes, dos amigos, da família e dos professores. A livre comunicação, por meio da Libras, faz toda a diferença no que diz respeito à segurança, à autoestima, à troca com seus pares e as suas futuras possibilidades profissionais. A convivência com ou ouvintes usuários da Libras aproxima as diferenças, desafia adequações, possibilita novas criações e descobertas como também aponta novos caminhos acadêmicos na construção do conhecimento.

É, então, a partir dessas considerações, que percebemos o quanto o Curso de Pedagogia presencial em uma perspectiva bilíngue vem apresentando resultados que apontam para um processo de formação bilíngue que, por si só, vai abrindo novas possibilidades e caminhos para a formação de pedagogos surdos bilíngues onde na qual as especificidades linguísticas próprias à educação de surdos, antes de serem obstáculos a esse processo, vem se movendo pela potência, criatividade e diálogo entre as diferentes línguas e suas modalidades. Com a lacuna do presente, preenchida pelo próprio presente, sem o peso e o ressentimento do passado, parece que se está, pouco a pouco, construindo um presente no qual os alunos estarão aptos a atuar, na perspectiva de uma educação que se faça, para e nas diferenças, como professores bilíngues, em todas as habilitações pertinentes à formação pedagógica.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Instituto Superior Bilíngue de Educação. Projeto do Curso Bilíngue de Pedagogia. Opção pela transformação do curso normal superior, licenciatura, do Instituto Nacional de Educação de Surdos em curso bilíngue de pedagogia, licenciatura. Rio de Janeiro: INES. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Educação de Surdos. Departamento de Ensino Superior. Projeto Pedagógico do Curso Bilíngue de Pedagogia – EAD. Rio de Janeiro: INES. 2013.

Dicionário on line <<https:dicionario.priberam.org/imbu%C3%ADdo>> Acesso em 14/02/2019.

GIROUX, Henry; SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antonio Flavio; TADEU, Tomaz (Orgs). *Currículo, Cultura e Sociedade*. Cortez: São Paulo, 2013.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia, a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. *Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008. 245p.

Data do envio: 03/06/2021

Data do aceite: 25/05/2021